

Altamente recomendável

José Eli da Veiga

Valor - sexta 30 de abril 2021, p. A15

Não pode haver dúvida sobre a importância histórica do último Dia da Terra. Foi esplêndida a volta dos Estados Unidos ao lento e melindroso regime de negociações da Convenção do Clima. Passo que, por si só, muito facilitará os possíveis aperfeiçoamentos do Acordo de Paris, aguardados para o fim do ano, na conferência oficial de Glasgow (CoP 26).

Tal retomada de liderança veio com ousadíssimo programa doméstico de renovação energética, exposto ao mundo em espetáculo remoto, para o qual dezenas de líderes das nações mais ricas e emergentes - as grandes responsáveis pelo aquecimento global - foram ‘incentivados’ a se posicionar.

Não houve propriamente uma cúpula, como pretendeu o título do evento, mas a resultante não deixou de delinear um possível consenso sobre a necessidade de o mundo atingir, lá por 2050, a “neutralidade carbono”. Sonho que muito poderia contribuir para moderar o aquecimento global, ainda neste século.

Sem este tipo de luta contra a bagunça climática, serão exercícios de enxugar gelo quaisquer esforços voltados aos demais dezesseis objetivos do desenvolvimento sustentável. A começar pela urgência de se aplacar o agravamento da fome, da extrema pobreza e da erosão da biodiversidade.

Então, é certo que, desde o dia 22 de abril de 2021, passou a haver motivo para que se tenha mais esperança na continuidade do processo civilizador, desde que, simultaneamente, sejam evitados eventuais conflitos bélicos, com uso de arsenais nucleares ou novos armamentos espaciais.

Porém, nada disso deve esconder as altas doses de ilusão coletiva na torcida provocada pela extraordinária iniciativa de Joe Biden. Trinta anos depois de assinarem a Convenção do Clima, inúmeros países ainda dependem demais de energia retirada do velho carvão. E um time ainda maior rechaça a proposta de se precificar o carbono, questão-chave da conferência de Glasgow.

Pior: as mais plausíveis inovações incrementais no âmbito das energias renováveis modernas, mesmo somadas às melhores promessas de captura e armazenamento de carbono, não trariam, neste século, a imprescindível descarbonização da sociedade global. Durará muito o potencial de aquecimento de vários dos gases de efeito estufa já acumulados na atmosfera.

Isto quer dizer que tudo dependerá de uma profunda mutação tecnológica, factualmente similar às que engendraram a era do computador e a era digital, as duas últimas inovações de impacto tão vasto, apelidadas de “paradigmáticas”, na falta de melhor clichê. Mutações de natureza ainda desconhecida, capazes de tornar obsoleto o uso de qualquer energia fóssil.

A ótima notícia é que há razão para se contar com a emergência de algo assim, nas próximas décadas. Não por acesso a alguma ‘bola de cristal’, mas por teoria sobre a história universal, solidamente alicerçada por físicos e matemáticos. Análise da dinâmica histórica, desde o próprio surgimento da vida, mostra nítida aceleração - mais do que exponencial -, cuja principal característica é a cada vez menor duração dos intervalos entre as mais impactantes inovações.

Imagem que traduz tamanha disparada é a de um Sísifo turbinado, não apenas fadado a rolar a grande pedra de mármore até o cume da montanha, mas a sempre fazê-lo com mais rapidez. Melhor: a necessidade de se dar saltos, cada vez mais precoces, entre esteiras rolantes sempre mais rápidas.

O fundamento de tal tendência decorre de um fenômeno que a matemática chama de “singularidade de tempo finito”. Ocorre quando uma variável de entrada é o tempo, e uma variável de saída aumenta para o infinito em tempo finito. O crescimento “hiperbólico” se diferencia do exponencial por ir até o infinito, em tempo finito.

Com certeza, um conteúdo abstrato demais para a grande maioria dos leitores do *Valor*, mas indispensável para se rejeitar que a preocupação com a sustentabilidade seja nova roupagem para o dilema malthusiano. Prisioneiros da visão de crescimento exponencial, seguidores e quase todos os críticos de Malthus ignoram que a dinâmica socioeconômica envolva aceleração das mudanças de patamar por encurtamento das eras tecnológicas.

São tais fundamentos da nascente ‘Ciência da Sustentabilidade’ os imunizantes contra a tão disseminada lenda de que o aquecimento global poderá ser vencido por paulatinos avanços das atuais renováveis, mais captura de carbono. Se a comunidade internacional conseguir manter a paz, esta será a proeza de uma mutação científico-tecnológica que virá nas próximas décadas para sustentar a continuidade do processo civilizador.

Altamente recomendável sobre isto tudo é um livro que, infelizmente, não tem chance de ser traduzido num país tendente a só assistir - e bem de longe - ao progresso da humanidade. Mas precisa e merece ser lido por jovens que vierem a ser fisgados por esta coluna: “*Scale - The universal laws of life and death in organisms, cities and companies*”, de Geoffrey West (Penguin, 2017).

= = =

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br